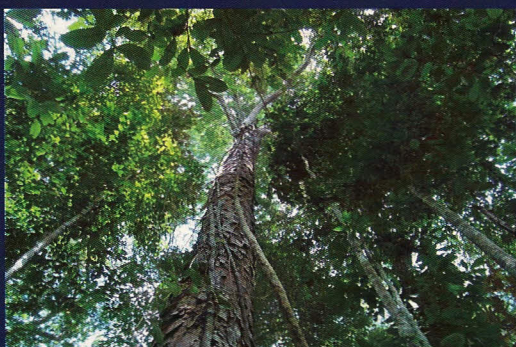


NOSSA INDÚSTRIA MADEIREIRA: RUMO À SUSTENTABILIDADE



A história da cidade de Dom Eliseu, município do sudeste do Estado do Pará, localizado a 450 quilômetros de Belém, representa bem a forma de ocupação territorial da maioria das cidades pertencentes ao Arco do Desmatamento na Amazônia. O seu desenvolvimento econômico deu-se através de duas atividades principais: a florestal e a pecuária. No passado, de um modo geral, a atividade florestal resumia-se na colheita de algumas árvores gigantescas e centenárias, de valor comercial considerável. Eram umas poucas espécies como ipê, cedro, sucupira, freijó e maçaranduba. O restante da floresta simplesmente virava cinza e dava lugar ao capim, à pecuária. Este processo foi incentivado e financiado com dinheiro público e por políticas públicas de ocupação da floresta amazônica. A oferta de recursos para a criação de gado foi assegurada pelo Estado. Assim, fogo e fumaça, que transformavam florestas em pastos, eram sinônimos de desenvolvimento.

A indústria madeireira dessa região foi marcada por uma série de adaptações no modelo de exploração florestal, o que deu origem a vários ciclos econômicos. O 1º ciclo foi marcado pela colheita de espécies consideradas "nobres", de grande valor comercial, representadas pelo ipê. No 2º ciclo foram colhidas as

madeiras vermelhas de grande porte, cujo principal representante foi a maçaranduba. O 3º ciclo foi caracterizado pela colheita de espécies chamadas mistas, espécies pouco conhecidas, mas que ainda tinham grande porte, das quais o angico e o goiabão são bons exemplos.

Hoje estamos vivendo o 4º ciclo de exploração, onde estão sendo retiradas as árvores remanescentes, de menor diâmetro, que abrangem uma vasta gama de espécies, na maioria conhecidas como madeira branca. Estima-se que, nessa situação, encontram-se cerca de 16 milhões de hectares da floresta amazônica, identificados como floresta degradada.

Surgem então as seguintes perguntas: a exploração predatória que tem marcado a história da indústria madeireira com base em floresta nativa finalmente a levará à extinção? A exploração predatória pode ser evitada ou será necessário a migração para novas fronteiras florestais?

Para encontrar resposta a essas questões é preciso observar as muitas mudanças que vêm ocorrendo nos últimos anos. Deve-se notar o surgimento de uma nova mentalidade, tanto no governo quanto na população em geral, de preservação do meio ambiente. O combate ao desmatamento está sendo intensificado. É indiscutível que as florestas nativas devem ficar em

pé. Somam-se também a este processo o surgimento de novos mercados e o desenvolvimento de novas tecnologias que já possibilitam a coexistência de dois fatores: a sustentabilidade da indústria e da floresta. Tudo isso contribui para o surgimento de uma nova maneira de lidar com a floresta. E mudanças vêm acontecendo.

No ano de 2005, a Embrapa Amazônia Oriental- Belém-PA, em parceria com o Grupo Arboris de Dom Eliseu-PA, conduziu um experimento e conseguiu produzir compensado de embaúba (*Cecropia* spp.), algo inédito no país, tecnologia essa premiada no 2º Congresso Brasileiro de Industrialização de Madeiras e Produtos de Base Florestal em Curitiba. A embaúba, espécie de rápido crescimento, alta rotatividade e grande abundância na floresta, nunca tinha tido serventia para atividades econômicas, e era até mesmo vista como um estorvo. Por meio desse experimento, ela passou a ser incluída como matéria-prima para a fabricação de compensado. Produzir compensado de embaúba foi um marco que lançou uma nova perspectiva para a floresta.

Atualmente está sendo desenvolvido outro trabalho de pesquisa, conhecido pelo nome de "Projeto SubBosque", caracterizado pela proposta de manejo de espécies de pequeno porte. O projeto reúne parceiros como o Centro de Pesquisa do Paricá - CPP, o Grupo Arboris, a EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), o IDEFLOR (Instituto de Desenvolvimento Florestal do Estado do Pará), o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), a MILL Indústria de Serras Ltda. e a AMADE (Associação dos Moveleiros Artesanais de Dom Eliseu).

A expectativa deste trabalho é introduzir na cadeia produtiva da indústria madeireira novas espécies florestais, que por características biológicas possuem diâmetro pequeno e ocorrem em alta densidade na floresta. Assim como a embaúba, tais espécies ainda não possuem reconhecimento comercial. Podemos citar a Pitomba (*Talisia* sp.), o Limãozinho (*Zanthoxylum rhoifolia*), o Amescla (*Protium breu*) e a Imbira Quiabo (*Sterculia prunis*) como exemplos. Qual a vantagem disso? Não concentrar a colheita sobre poucas espécies consideradas "nobres". O "Projeto SubBosque" também prevê o desenvolvimento de novos procedimentos que permitirão uma colheita mais equilibrada e adequada da floresta (balanceamento), evitando a ameaça de erosão genética e favorecendo o equilíbrio estrutural das espécies na floresta.



O processo de catalogar e avaliar as características tecnológicas das espécies florestais da região, identificar e mitigar os impactos ambientais na flora e na fauna, prever e planejar a configuração da floresta para as próximas décadas ou mesmo séculos e desenvolver novas tecnologias, determinará a melhor maneira de trabalhar com cada espécie e garantirá a sustentabilidade tanto da nossa floresta quanto da indústria.

O sucesso do projeto SubBosque marcará o início do quinto ciclo de exploração da madeira em Dom Eliseu, cuja melhor representante é a embaúba. Os recursos florestais, se adequadamente manejados, segundo uma nova forma de ver e de lidar com a floresta, garantirão o uso da madeira de floresta nativa como um recurso renovável. Espera-se a inclusão de novas espécies na economia florestal, o desenvolvimento de novas tecnologias, novos mercados e novos produtos. Este novo ciclo será ainda mais importante do que os anteriores na medida em que busca a sustentabilidade. Nossas florestas nativas ficarão em pé e se tornarão mais produtivas e de melhor qualidade.

Autores:

Eng. Marco Antonio Siviero, CPP/Grupo Arboris;
Dr. Ademir Roberto Ruschel, Embrapa Amazônia Oriental;
eng. Marcelo Braga Boaventura, Grupo Arboris;
eng. Talita Piekarski Siviero, Grupo Arboris.